

# UM LIBERAL DE BATINAS: A TRAJETÓRIA DE MONSENHOR FELICÍSSIMO E A QUESTÃO RELIGIOSA

Bruno Henrique Fernandes  
(Mestrado, Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora)  
Alexandre Mansur Barata  
(Universidade Federal de Juiz de Fora)

**Palavras-chave:** Questão Religiosa, Igreja Católica, Maçonaria

## **Introdução**

Ao nos debruçarmos sobre os periódicos mineiros do Oitocentos, verificamos uma profusão de discursos e personagens que dão os tons mais variados à chamada Questão Religiosa. Ultramontanos, Liberais, Católicos e Maçons, cada um expondo e defendendo suas ideias e posições, em uma diversidade de artigos e publicações, mobilizaram a opinião pública, sobretudo, entre 1872 e 1875. Dentre as variadas personagens que nos chamaram a atenção, a figura do Padre José Felicíssimo do Nascimento se destaca ao se declarar “um liberal que nunca transigiu” e um “Jesuíta de batina e muito obediente”. Pároco e liderança política na cidade de Itabira (MG), Monsenhor Felicíssimo foi provedor da Santa Casa de Misericórdia, presidente da Câmara de Vereadores, esteve ao lado dos liberais na revolta de 1842, foi Deputado da Assembleia Provincial, fundou a Irmandade do Santíssimo Sacramento e contribuiu fortemente para com a propaganda antimaçônica. Ao tentarmos reconstruir sua trajetória buscamos observar mais de perto as nuances dos debates que envolveram a Questão Religiosa, relativizando algumas interpretações historiográficas que tomam esse conflito apenas como um embate entre Igreja Católica e Maçonaria, a partir das diferenças ideológicas entre conservadores e liberais.

Nas Minas Gerais do Oitocentos dois polos de formação ultramontana irradiaram forte discurso para as diversas regiões da província: o Bispado de Mariana e o Bispado de Diamantina. Em oposição, por todo território mineiro, lojas maçônicas se espalhavam, levantando um discurso de liberalismo e laicidade. Ao analisarmos as personagens envolvidas, observamos que o conflito não pode ser reduzido às citadas

dicotomias. Posições que aparentam ser divergentes ou antagônicas por vezes são assumidas de forma conjunta, demonstrando um caráter muito mais plural e complexo para o embate.

### **O circo chega a Itabira**

Em 1873 uma trupe de artistas chegava em Itabira no interior de Minas Gerais. O circo, itinerante, anunciava suas variadas atrações e convidava o povo para presenciar o espetáculo. Anunciava, ainda, que na quarta-feira, a renda dos ingressos seria destinada a uma obra pia. Atento ao anúncio, o pároco da Freguesia, José Felicíssimo do Nascimento, o Monsenhor Felicíssimo, procurou o diretor da companhia de artistas, para verificar qual obra seria atendida. Contudo, o responsável não soube informar ao padre quem receberia o óbolo de caridade.

Um episódio, talvez corriqueiro, no interior das Minas Gerais do Oitocentos, desdobrou-se em um embate de posições e versões conforme registram os jornais *Reforma* e o *Bom Ladrão*. Em uma primeira versão, maçons se uniram para socorrer a Igreja Matriz de Itabira, atendendo o chamado do circo. O que contrapõe a versão dada pelo próprio Monsenhor Felicíssimo, de que não houve tal socorro, muito menos vindo de maçons.

Registra o jornal *Reforma*<sup>1</sup>:

“Uma companhia de artistas, que aqui esteve divertindo o público anunciou um benefício para a loja maçônica deste lugar. Como era natural o povo acudiu a festa, e entre os que se achavam presentes avultava a veneranda figura de nosso querido pastor, monsenhor José Felicíssimo do Nascimento, recebido entre os aplausos de todos quantos se achavam presentes. Anunciou-se um dos intervalos da festa um leilão que consistia em um pequeno cesto de doces do valor talvez de seis a oito tostões. Arrematado por uma quantia muito superior pelo Dr. Antônio Alvim foi o mimo por ele oferecido a monsenhor Felicíssimo, que por sua vez mandou revende-lo com a condição de ser seu produto aplicado as obras da Igreja. Este ato excitou um grande entusiasmo, e o cesto de confeitos foi de novo arrematado por mais 500\$, tomando os maçons presentes a deliberação de aplicar também ao mesmo fim o produto da receita. Por este modo o venerando vigário da freguesia viu a sua querida Igreja doada naquela noite por quantia próxima a 1:000\$000. Ao retirar-se daquela festa de caridade já radiante o digno vigário de Itabira, a cujo olhar cheio de paz e de amor,

---

<sup>1</sup> Optamos por atualizar a grafia, mantendo a estilística.

conservaram-se reverentes todos quantos se achavam presentes! Abençoados os seus paroquianos saiu murmurando *est Deus in nobis!*” (*Bom Ladrão*, nº 1, 1873 *apud* Reforma, nº 140, 1873)

Por sua vez, no católico *Bom Ladrão*, Monsenhor Felicíssimo refutava:

“(…) Com estas palavras o Correspondente quer dar a entender que houve grande concurso do povo. Mas isto não é verdade: foi pequena e bem insignificante a concorrência, tanto que sendo o benefício aplicado para a Matriz eu apenas recebi do Sr. José Antônio da Silveira Drummond 51\$000. Entrei para o Circo sem receber aplausos: se aplausos houve não foram externados, não saíram dos Corações dos Srs. Maçons. A feliz lembrança de revender-se o leilão, para ser seu produto aplicado as obras da Matriz não foi minha, e sim do Ilmo. Sr. Dr. Antônio Cesário de Faria Alvim, pelo que lhe rendi e ainda rendo-lhe meus sinceros agradecimentos. O leilão não produziu como se lê no artigo mais de 500\$000 produziu somente 407\$000, que recebi. No sábado seguinte, a pedido meu, houve um benefício para a Matriz e também houve leilão. O produto desse benefício e do leilão, o produto do benefício de 4ª feira e do leilão importou 801\$500.” (*Bom Ladrão*, nº 1, 1873)

Contudo, o que nos chama a atenção nesse episódio, é a forma como o sacerdote se posiciona politicamente, e até ideologicamente, diante da situação. Em suas próprias palavras:

Entendem muitos como Tayllerand que a palavra foi dada ao homem para ocultar seu pensamento; mas eu não sou dos que pensam (e felizmente número destes é maior) que Deus não conferiu ao homem esse precioso dom para dizer a verdade, e manifestar-se sempre o mesmo quer falando, quer escrevendo. Como me parece que o fim do Correspondente da Reforma é fazer-me passar por Maçom, antes de mostrar as inverdades do artigo, a que me refiro, farei minha profissão de fé. Sou Católico Apostólico Romano. Não sou Maçon e nem o serei, enquanto estiver persuadido como estou, de que não se pode ser Maçom e Católico ao mesmo tempo. Quem pretende reunir estas qualidades, diz o nobre e ilustrado Senador do Império o Exmo. Sr. Cândido Mendes d’Almeida, ou é idiota, ou homem de má fé. Apesar de liberal desde a minha juventude, e liberal que nunca transigiu, sou também Jesuíta, Jesuíta de batina, e muito obediente a Cúria Romana. (*Bom Ladrão*, nº 1, 1873)

Como se autodenomina, um liberal que nunca transigiu, Monsenhor Felicíssimo se colocava contra a maçonaria, por não crer na compatibilidade entre a religião católica e o pertencimento a sociedade secreta. Posição que não caberia na dicotomia da disputa, se levarmos em consideração uma historiografia mais clássica sobre o tema: conservadorismo católico frente ao liberalismo maçônico.

## **A Questão Religiosa**

A Questão Religiosa (1872-1875) é definida como um conflito entre Igreja Católica e Maçonaria, envolvendo como um terceiro agente o Estado Imperial e suas relações de poder e mando. No Brasil, a Igreja era regida pelo sistema do padroado, onde o Imperador escolhia os párocos e bispos e autorizava o funcionamento das ordens religiosas. O Estado também construía os templos e cobrava o dízimo, além de fazer o pagamento das cômruas<sup>2</sup>. Toda e qualquer decisão emanada de Roma devia passar pelo crivo Imperial, recebendo, se assim concordasse o Imperador, o beneplácito. Somente após o beneplácito a decisão passava a vigorar no país. (LAGE, 2011).

A Maçonaria se autodenomina como uma instituição “essencialmente filantrópica, filosófica e progressista” (Boletim do Grande Oriente do Brasil, 1907, p. 9)<sup>3</sup>, guardando consigo um certo papel de protagonismo na história brasileira. Papel que, devido ao seu caráter de segredo, além da confluência de obras que apontam uma origem mítica para a instituição, acabaram por colaborar com a construção de uma visão de uma organização “imensamente influente e poderosa, bem como conspiratória e perigosa”. (SOUZA, 2004, p. 11). As lojas maçônicas foram instrumentos que auxiliariam na penetração dos princípios liberais no Brasil (BARATA, 1999).

Ultramontanismo, o que está além das montanhas – em referência à Roma, é o termo utilizado no século XIX, para definir o pensamento conservador católico. Definindo uma posição voltada quase que exclusivamente para as diretrizes emanadas do Trono de Pedro, a Igreja buscava se tornar a referência para os assuntos espirituais, ante uma crescente secularização de suas práticas. No Brasil, onde padres e bispos eram escolhidos pelo Imperador, o discurso ultramontano pode soar liberal ante a prática do

---

<sup>2</sup> Nome dado ao salário pago a um religioso.

<sup>3</sup> Boletim do Grande Oriente do Brasil (GOB).

beneplácito, mas também assume um aspecto conservador na defesa da doutrina, como verificado durante a crise com a maçonaria. A encíclica *Quanta cura* (1864), de Pio IX, declara uma luta contra o pensamento liberalizante e seus principais frutos, ao mesmo tempo que apregoa uma independência da Igreja reforçando a infalibilidade papal. O pensamento ultramontano no Brasil “quase que totalmente conquistou o poder sobre a Igreja” (GUEIROS, 1980, p. 38), conseguindo aos poucos desatar as amarras do padroado.

O presente trabalho é um pequeno desdobramento da pesquisa em curso para a dissertação de mestrado, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora. Meu objetivo principal é compreender a chamada Questão Religiosa como uma disputa de territorialização – no sentido de demarcação e conservação de um território de atuação política- e representação, tomando as experiências sociais de liberalismo e conservadorismo/ultramontanismo, dentro do campo de tensão brasileiro. Ou seja, não tomando essas experiências apenas como meras reproduções, ou reverberações, de um ideário europeu, mas inseridas, por meio de apropriações e ressignificações (LYNCH, 2007), em um contexto possível, que propiciou e permitiu a germinação do conflito. A disputa entre duas instituições arraigadas nos meios político e social definiram pautas junto ao Estado e sociedade. Estas pautas, por sua vez, podem ser encaradas como demandas de setores, ou apenas implicações que imbricam questões mais profundas?

A identificação do repertório discursivo é algo fundamental para essa compreensão. A partir da análise dos periódicos mineiros, produzidos entre 1872 e 1875, busca-se entender quais temas, termos e expressões definem o discurso desses agentes. Partindo da análise do periódico *Bom Ladrão*, que circulou em Mariana nos anos setenta do século dezenove, encontramos a figura do vigário de Itabira – MG, o padre José Felicíssimo, como um dos interlocutores do periódico, em um episódio inusitado, que nos ajuda a compreender algumas nuances, e desdobramentos, da Questão Religiosa.

## **Liberal de batinas**

José Felicíssimo do Nascimento nasceu em 1806, em Ouro Preto. Conforme registra a tradição popular, seria ele filho bastardo e abandonado, criado por uma escrava alforriada, de nome Josefa. (LACERDA; SHITSUKA e SHITUSKA, 2018) Ao se tornar pároco em Itabira, retomou a construção da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário. Para tal feito, criou a Irmandade do Santíssimo Sacramento reunindo as lideranças locais. Em sua *História da Revolução Liberal* de 1842, José Antônio Marinho relata que Monsenhor Felicíssimo, por apoiar o partido liberal, sofreu perseguição e foi obrigado a procurar o asilo das matas. Foi vereador entre 1845 e 1848, ano em que se tornou deputado provincial na Assembleia Geral Legislativa. Em 1854 cria o hospital Nossa Senhora das Dores, do qual foi provedor até 1881. (FERREIRA, 2015) Felicíssimo também foi jornalista, tendo sido um dos redatores do jornal *Guarda Nacional Mineiro* (PAULA, 2013). Manteve também, por um breve período, uma fábrica de chapéus. Monsenhor Felicíssimo morre em 1884, tendo sido a personagem do último poema de Bernardo Guimarães, também morto no mesmo ano<sup>4</sup>.

O posicionamento de Felicíssimo como liberal se dá pela filiação ao partido de mesmo nome. Em sua “profissão de fé” ele afirma a incompatibilidade entre ser maçom e ser católico. O que nos ajuda a colocar um prisma no debate, multifacetando as possibilidades de atuação durante a Questão Religiosa. Castro (2006) aponta que não é possível bipolarizar o conflito. Ao analisarmos a trajetória do padre, percebemos que a adoção de posições se dá muito mais por conservação política – ao se filiar a um determinado grupo, por exemplo – do que a adoção plena de um espectro ideológico ou de um combativismo institucional. Felicíssimo se preocupava, como figura pública, em não ter seu nome associado à maçonaria. E isto está muito mais ligado ao fato de ser padre, do que ser liberal.

O episódio nos auxilia a relativizar os embates produzidos durante a Questão Religiosa, para além do Conselho do Estado e das instâncias institucionais. O episódico, o cotidiano, estava também impregnado com o conflito, contudo de uma maneira muito mais pragmática – se considerarmos o embate ideológico entre conservadores e liberais.

---

<sup>4</sup> Monsenhor Felicíssimo é também personagem de poema de Carlos Drummond de Andrade.

A questão estava em delimitar campo de ações: quem auxiliava a Matriz de Itabira? Quem ia socorrer o padre com doações? Havia maçons na Irmandade do Santíssimo Sacramento? Havia espaços marcados de atuação de cada esfera?

Para além do processo que culminou na prisão dos bispos, houve uma intensa mobilização discursiva na imprensa, o que nos indica certa mobilização da opinião pública. Questões como as que foram levantadas podem nos auxiliar na compreensão da dinâmica deste movimento, como do seu desdobramento e possível contribuição para a crise do Império. Já vaticinava Pio IX, em carta a D. Pedro II, que o golpe na igreja abalava os alicerces de seu trono (BARROS, 2004).

## **Conclusão**

Ao percorrermos as trajetória da personagem, podemos perceber a adoção de práticas muito mais multifacetadas do que a dicotomia conservadores versus liberais. Muito além dos debates no Conselho de Estado e da prisão dos Bispos, a Questão Religiosa pode ser percebida como um movimento imbricado de estratégias territoriais. Igreja e Maçonaria procuravam manter seus espaços de atuação, através da retórica combativa na imprensa.

Com projetos distintos para o Estado, que envolviam a liberdade de culto, laicização e fim do padroado, em determinados momentos pautas conservadoras e liberais se misturavam no embate. Este pequeno trabalho visa apenas chamar a atenção para a necessidade de se colocar uma lupa no conflito e levantar algumas questões que podem nos auxiliar no entendimento da crise que levou ao fim do Império.

## **Referências**

BARATA, Alexandre Mansur. *Luzes e Sombras – a ação da Maçonaria Brasileira (1870-1910)*. Editora da Unicamp; Centro de Memória – Unicamp. 1999

BARROS, Roque Spencer M. de Barros. *A questão religiosa*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo II, volume 6. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

BRAGA, Virna Lígia Fernandes. *Pobreza e Assistência Pública e Privada em Minas Gerais (1871-1923)*. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2015.

CARVALHO, José Murilo. *A Construção da Ordem: a elite política imperial; Teatro de Sombras: a política imperial*. Rio de Janeiro: editora UFRJ; Relume-Dumará. 1996.

CASTRO, Giane de Souza. *A Cruz e o Compasso: as relações entre Igreja Católica e maçonaria no contexto do ultramontanismo em Juiz de Fora*. *Revista Sacrilegens*, v. 3, n. 1, 2006. Juiz de Fora: UFJF.

COELHO, Tatiana Costa. *A reforma católica em Mariana e o discurso ultramontano de Dom Viçoso (1844-1875)*. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010.

FERREIRA, Ana Gabriela Chaves. *Mineração em serra tanto bate até que seca. A presença da Vale em Itabira para além do desenvolvimento dos conflitos ambientais*. Monografia de Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.

HOBBSBAWN, Eric J. *A era do Capital*. São Paulo: Paz e Terra. 2009

LACERDA, Dadá Lage; SHITSUKA, Dorlivete Moreira; SHITSUKA, Ricardo –*Caminhos drummondianos*. Belo Horizonte, Editora Poisson, 2018.

LAGE, Ana Cristina Pereira. *A utilização dos periódicos locais para o levantamento da história da educação em Campanha (MG) na segunda metade do século XIX*. *Anais do*



IV Congresso em Pesquisa e Ensino de História da Educação em Minas Gerais.  
FAE/UFMG. 2007

LYNCH, Christian Edward Cyril. O Conceito de Liberalismo no Brasil (1750-1850).  
Araucária. Revista Iberoamericana de Filosofía, Política y Humanidades. Nº 17, Maio  
de 2007.

MARINHO, José Antônio. *História da Revolução Liberal de 1842*. Belo Horizonte:  
Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais. 2015.

PAULA, Alexandre Marciano de. *O regresso em Minas Gerais: “Déspotas e  
Republicanos” na Imprensa Mineira (1837-1840)*. Dissertação de Mestrado em  
História, Universidade Federal de São João del-Rei, 2013.

SOUZA, Françoise Jean de Oliveira. *Vozes Maçônicas na Província Mineira  
(1869-1889)*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em História.  
UFMG. 2004.

VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no  
Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 1980.